

Sem dinheiro para procurar vaga

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Há oito meses, Silvana Chaves de Queiroz, de 19 anos, vem dependendo da boa vontade da família e de vizinhos para garantir o sustento de sua casa, um barraco de apenas um cômodo que ela divide com a filha Lorena Fernanda, de um ano e sete meses. Em junho do ano passado ela foi demitida da empresa de serviços gerais, onde era faxineira. A partir desse mês, Silvana, que trabalha desde os 12 anos como empregada doméstica, babá ou faxineira, não tem nenhuma fonte de renda.

Os recursos são tão escassos, que procurar emprego se tornou um luxo. Para se deslocar de sua casa no Varjão até o Plano Piloto, Silvana gastaria, no mínimo, R\$ 5. Há meses, a única forma de procura tem sido a abordagem a amigos. E mesmo assim há outro problema. Ela não tem telefone para ligar e saber se apareceu alguma vaga. O jeito tem sido abusar da boa vontade dos vizinhos e prometer pagamento "assim que aparecer alguma coisa", diz ela. "Há muito tempo só tenho arroz e açúcar em casa. Eu não tenho dinheiro nem para comprar comida, imagina para a passagem. Esses R\$ 5 servem para muita coisa, até comprar fralda para a minha filha", afirma.

Casos como o de Silvana são comuns no Distrito Federal, que possui uma das taxas de desemprego mais altas das capitais

brasileiras. Das 1,141 milhão de pessoas em idade economicamente ativa no DE, 21,8%, ou 249 mil, estavam desempregadas em novembro passado, segundo a última Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) divulgada pela Secretaria de Trabalho do GDF. Dessas, 36 mil pessoas (14%) estavam em situação de desalento, definição utilizada pela secretaria para as pessoas que apesar de estarem desempregadas e terem procurado emprego no último ano, não mexeram uma palha à procura de uma vaga no mês em curso.

A falta de recursos para ir atrás de uma vaga é o principal motivo apontado para a aparente acomodação dessas pessoas. "Procurar emprego requer gasto. Às vezes, para não gastar o pouco que têm, as pessoas param de procurar uma vaga se as chances são pequenas", afirma o diretor de Informação e Planejamento da Secretaria de Trabalho, Jusçânio Umbelino Souza.

Silvana estudou apenas até o ensino básico, mas o desemprego não escolhe grau de escolaridade. Do total de desempregados no DE, a maior taxa está entre as pessoas que estão cursando o segundo grau. De acordo com a PED, 36,6% dos desempregados têm o segundo grau incompleto. E, muitas vezes, não há jeito para voltar ao mercado de trabalho.

Dar um jeitinho tem sido a especialidade do motorista Raimundo Ângelo dos Santos, desempregado desde outubro. Aos

Daniel Ferreira 4.2.04



SILVANA, DOMÉSTICA, BABÁ E FAXINEIRA: "NÃO TENHO DINHEIRO PARA COMPRAR COMIDA, IMAGINA PARA A PASSAGEM"

52 anos, ele tem rodado a cidade em sua bicicleta para distribuir currículos. Já distribuiu 28. Escreveu à mão os dados pessoais e os cursos feitos ao longo dos 16 anos em que trabalhou como motorista. A velha bicicleta tem se tornado sua companheira todos os dias em que sai de sua casa na Estrutural à procura de emprego ou de um bico para garantir o sustento da mulher, Ivone e os filhos Vanicléia, de 14 anos, e José, de 11.

Soluções

As soluções de curto prazo para acabar com o desemprego dividem especialistas. Uma delas é criar frentes de trabalho. Segundo o professor de economia da Universidade de Brasília Jorge Saba Arbache, o governo tem que criar grupos para executar tarefas que não exigem muita especialidade, como varrer ruas e obras emergenciais em estradas ou no campo. E deve haver uma rotatividade para dar oportunidade

para outras pessoas "Os contratos têm que ser temporários. Mesmo ficando só seis meses trabalhando, uma pessoa ganha autoestima e volta para o mercado reanimada", afirma.

O secretário de Trabalho do município de São Paulo, Márcio Pochmann, defende que os governos ofereçam cursos de especialização para pessoas desempregadas com a garantia de que recebam alguma remuneração no período do curso.